

# A PARÓDIA EM MANUEL BANDEIRA

*Carlos Alberto dos Santos Abel*

Manuel Carneiro de Sousa Bandeira Filho é um grande poeta, contrariando suas próprias palavras de que não há grandes poetas... há grandes poemas. Neste ensaio, apresentaremos a paródia na obra de Manuel Bandeira. Como o que nos interessa é a voz do poeta, não a dos teóricos, faremos uma pequena introdução - pequena, mas necessária -, antes de apresentar as paródias bandeirianas.

Affonso Romano<sup>(1)</sup> ensina-nos que a paródia é sempre inauguradora de um novo paradigma; é a **intertextualidade** das diferenças. Tem um efeito de **deslocamento**: um elemento com a memória dos dois. Ocorre um processo de inversão de sentido, com um deslocamento completo. Na paródia, busca-se a fala recalcada do outro. Considerando-se o **desvio**, a paródia é o **desvio total**.

Referindo-se aos dois planos, o da obra e o da paródia, Tynianov<sup>(2)</sup> conclui que os dois devem ser necessariamente **discordantes, deslocados**: a paródia de uma tragédia será uma comédia, a de uma comédia, uma tragédia.

A conceituação de Jacinto do Prado Coelho<sup>(3)</sup> para a paródia na literatura portuguesa é: "Dá-se este nome às obras que decalcam outras (no entrecho, na estrutura formal, no vocabulário), com fim satírico ou jocoso".

A de Joel Pontes<sup>(4)</sup> para a literatura brasileira: "A paródia só adquire o caráter jocoso que lhe é próprio quando se realiza sobre textos muito popularizados ... No Brasil, as obras mais queridas são as mais parodiadas".

Massaud Moisés<sup>(5)</sup> acrescenta que a paródia "Designa toda composição literária que imita, cômica ou satiricamente, o tema ou a forma de uma obra séria".

Sumariando o pensamento dos ensaístas, temos que a paródia é a "intertextualidade das diferenças", tem um "efeito de deslocamento", um "desvio total", "discordante", considerando-se os dois planos: o da obra e o da paródia, não se esquecendo de sua finalidade "satírica ou jocosa".

---

(1) Sant'Ana, Affonso Romano de. *Paródia, Paráfrase & Cia.* São Paulo, Ática, 1985

(2) *Ibid.*, p. 13-14.

(3) Coelho, Jacinto do Prado (dir.). *Dicionário de Literatura: Literatura Brasileira, Portuguesa, Galega e Estilística Literária.* Rio de Janeiro, Companhia Brasileira de Publicações, 1969.

(4) *Ibid.*, p. 795.

(5) Moisés, Massaud. *Dicionário de Termos Literários.* São Paulo, Cultrix, 1974.

## 1 - "Os sapos" (Carnaval)

a) "Os Sapos" (talvez o poema mais divulgado de Bandeira), segundo o criador, é uma sátira que dirigiu "mais contra certos ridículos do post-parnasianismo"<sup>(6)</sup>. Uma paródia ao Bilac da "Profissão de fé", verrinas a Hermes Fontes e a Goulart de Andrade. Este último, em *Apo-teoses*, usara a rima francesa com consoante de apoio e escrevera sob o título dos poemas: "Obrigado à consoante de apoio"<sup>(7)</sup>.

Bandeira ironiza-os, mas reconhece agradecido que isso não impediu que Goulart de Andrade lhe arranjasse editor, sete anos mais tarde, para o volume *Poesias (A Cinza das Horas, Carnaval, O Ritmo Dissoluto)*, de 1924.

As palavras do poeta, no *Itinerário de Pasárgada*, são de 1954 e deixam-nos a sensação da escritura de "Os Sapos", movida pelo desejo da sátira aos parnasianos.

Em 1958, numa entrevista<sup>(8)</sup> dada a Paulo Mendes Campos, Bandeira muda o enfoque:

Para todo mur.do, provavelmente, o poema "Os sapos" deveria ter nascido da intenção de satirizar o parnasianismo. Mas não. Não foi a sátira o seu primeiro motivo:

- "Os sapos" nasceram da vontade de aproveitar, poeticamente, um achado folclórico - o bate-boca da saparia: "Meu pai foi à guerra! - Não foi! Foi! - Não foi!"

Bandeira, paradoxal, contraditório? Defeito? Não! Genialidade! Deixa algumas pistas falsas, para que os exegetas batalhem à procura das chaves do seu imaginário... e achem-nas... muitas e muitas... e todas, em alguns casos, contraditórias....

### b) Olavo Bilac

Acreditava-se que Olavo Bilac seja o citado "sapo tanoeiro". A alusão ao prócer parnasiano é parodística: "O sapo tanoeiro/ Parnasiano aguado" (3ª. estrofe), como também em:

Brada em um assomo  
O sapo-tanoeiro:

---

<sup>(6)</sup> Bandeira, Manuel. *Itinerário de Pasárgada*, in *Poesia Completa e Prosa*. Organizada pelo autor. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar, 1983, p. 58.

<sup>(7)</sup> *Ibid.*

<sup>(8)</sup> Campos, Luís Mendes. Reportagem literária in Brayner, Sônia (sel.). Manuel Bandeira. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira/INL, 1980, (Coleção *Fortuna Crítica*, v. 5), p. 86.

- "A grande arte é como  
Lavor de joalheiro. (9ª estrofe)

Ou bem de estatuário.  
Tudo quanto é belo,  
Tudo quanto é vário,  
Canta no martelo." (10ª estrofe)

c) Hermes Fontes  
Em "Os Sapos", lemos na quarta estrofe:

Vede como primo  
Em comer os hiatos!  
Que arte! E nunca rimó  
Os termos cognatos.

Hermes Fontes, no prefácio a **Apoteoses** (1908), afirmava que, naquele livro, não havia rimas de palavras cognatas.

d) Goulart da Andrade  
Segundo Bandeira, a rima francesa com consoante de apoio nunca havia sido usada em língua portuguesa. Goulart de Andrade foi o pioneiro a fazê-lo: "Obrigado à consoante de apoio":

O meu verso é bom  
Frumento sem joio.  
Faço rimas com  
Consoantes de apoio.

## 2 - Bandeira parodia Bandeira

a) Em "Belo Belo", poema monostrófico, do livro de mesmo nome, Bandeira parodia o "Belo Belo" da **Lira dos Cinquenta Anos**, poema estíquio em versos-livres.

Termina o "Belo Belo", paródia, gaiato:

Quero quero tanto coisa  
Belo belo  
Mas basta de lero-lero  
Vida nove fora zero.

b) "Saudades do Rio Antigo" (Mafuá do Malungo), canção redonda, é a sátira de "Vou-me embora pra Pasárgada" (Libertinagem). E também a oportunidade de o poeta fazer críticas ao Rio de Janeiro de 1948, comparando-o àquele do início do século XX:

Vou-me embora pra Pasárgada.  
Lá o rei não será disposto  
E lá sou amigo do rei.  
Aqui eu não sou feliz  
A vida está cada vez  
Mais cara, e a menor besteira  
Nos custa os olhos da cara.

c) Câmara Cascudo<sup>(9)</sup> informa que o sapo-cururu ou sapo-jururu é uma cantiga de ninar, acalanto divulgadíssimo no Brasil:

Sapo-cururu  
Da beira do rio,  
Quando o sapo canta, ó maninha,  
Diz qu'está com fr:io...

Bandeira parodia essa cantiga de ninar com o "Sapo-Cururu" (Mafuá do Malungo), uma quadra com quatro estrofes, uma amplificação desse acalanto:

Sapo-cururu  
Da beira do rio.  
Oh que sapo gordo!  
Oh que sapo feio!

Sapo-cururu  
Da beira do rio  
Quando o sapo coaxa,  
Povoléu tem frio.

Que sapo mais danado,  
Ó maninha, ó maninha!  
Sapo-cururu é o bicho  
Pra comer de sobreposse.

---

(9) Cascudo, Luís da Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. Rio de Janeiro, Tecnoprint Gráfica Editora, 1969, p. 592.

Sapo-cururu  
Da barriga inchada.  
Vôte! Brinca com ele...  
Sapo-cururu é senador da República.

Na cantiga de ninar, "quando o sapo canta" diz "qu'está com frio". No "Sapo-Cururu", "Quando o sapo coaxa/Povoléu tem frio". Na cantiga, o protagonista é o sapo que canta - uma procura do humano; no poema, é o "senador da República" que coaxa - o encontro com o animal. O "Sapo-Cururu" é uma paródia e, além disso, uma sátira do político.

Em "Os Sapos", aparece também o sapo-cururu. Um sapo-cururu que não coaxa nem canta... soluça "transido de frio". O sapo cururu é o poeta que não se coloca sob o manto estrelado do parnasianismo, daquele estilo de época onde "Não há mais poesia/ Mas há artes poéticas..." (7ª estrofe). E a solidão do poeta aparece com força, nas duas últimas estrofes:

Lá fugido ao mundo,  
Sem glória, sem fé,  
No perau profundo  
E solitário, é

Que soluças tu,  
Transido de frio,  
Sapo cururu  
Da beira do rio...

### 3 - Joaquim Manuel de Macedo

No artigo "Duas Traduções para Moderno Acompanhadas de Comentário," da seção "Mês Modernista" do jornal *A Noite*, *Bandeira*<sup>(10)</sup> transcreve versos de Joaquim Manuel de Macedo, como se segue:

Mulher, irmã, escuta-me: não ames.  
Quando a teus pés um homem terno e curvo  
Jurar amor, chorar pranto de sangue,  
Não creias, não, mulher: ele te engana!  
As lágrimas são galas da mentira  
E o juramento manto de perfídia.

---

(10) *Bandeira* Manuel. *Poesia Completa e Prosa*, Nota 6, p. 78.

"Bem, dessa vez eu queria mesmo brincar falando cafajeste, e a coisa foi apresentada como "tradução pra caçanje":

Teresa, se algum sujeito bancar o sentimental em cima de você  
E te jurar uma paixão do tamanho de um bonde  
Se ele chorar  
Se ele se ajoelhar  
Se ele se rasgar todo  
Não acredita não Teresa  
É lágrima de cinema  
É tapeação  
Mentira  
CAI FORA."

É interessante de se notar que Bandeira não relacionou esse poema na sua obra.

#### 4 - Pai nosso

Bandeira, com muita graça, faz um jogo de palavras, um "calembour", em "Sonho de uma Noite de Coca" (Mafuá do Malungo), poema humorístico, estíquo em versos-livres.

Parodiando a oração do "Pai nosso", coloca juntos um suplicante, toxicômano, e o Senhor Deus.

O SUPPLICANTE - Padre Nosso, que estás no céu santificado  
seja o teu nome. Venha nós o teu reino. Seja  
feita a tua vontade, assim na terra como no  
céu. O pão nosso de cada dia nos dá hoje...

O SENHOR (interrompendo enternecidíssimo) — Toma lá, meu  
filho. Afinal tu és pó e em pó te  
converterás!

... o pó em lugar do pão... e o Senhor concede...!

#### 5 - Cantiga popular

Em "Itaperuna" (Mafuá do Malungo), poema humorístico, estíquo em versos-livres, o poeta revitaliza uma cantiga popular ("Marcha soldado cabeça de papel / Se não marchar direito / Vai preso pro quartel"):

Marcha soldado  
Pé de café  
Se não marchar direito  
O Brasil não fica em pé. (última estrofe)

#### 6 — Vinicius de Moraes

Em "Idílio na Praia"(Mafuá do Malungo), poema alostrófico, Bandeira parodia "A Bomba Atômica" de Vinicius de Moraes.  
Veamos a última estrofe:

Vem ó pomba atômica!  
Vem minha pombinha,  
Pombinha rolinha  
Do meu coração!  
Vem meu coração!  
Vem como és agora:  
Te quero novinha  
Donzela pucela  
Antes da ebaente  
Desintegração!

#### 7 - Tobias Barreto

"Os voluntários do Norte", poema humorístico, é uma paródia a um verso de Tobias Barreto: "São os do Norte que vêm!"

Esse verso é usado como refrão em todas as cinco estrofes, naquela forma e com pequena modificação (" - É vêm os do Norte! E vêm!...):

E o clamor ia engrossando  
Num retumbar formidando  
Pelas cidades além...  
"Que foi? as gentes falavam,  
E eles pálidos bradavam:  
São os do Norte que vêm!"

#### 8 - Jânio Quadros

Em "Elegia de Agosto"(Mafuá do Malungo), poema satírico, estíquico em versos-livres, toma das palavras de Jânio Quadros em epígrafe: "Não os decepcionarei. Jânio Quadros, São Paulo, 6.X.60." A partir daí, amplifica-as, criando a paródia. Satiriza o ex-presidente, ex-ídolo. Tra-

balha a sua caricatura - um documento político-literário contundente. Apresentamos a primeira estrofe:

A nação elegeu-o seu Presidente  
Certo de que jamais ele a decepcionaria.  
De fato,  
Durante seis meses,  
O eleito governou com honestidade,  
Com desvelo,  
Com bravura,  
Mas um dia,  
De repente,  
Lhe deu a louca  
E ele renunciou.

### 9 - William Shakespeare

Bandeira faz uma remontagem de um verso da peça *Ricardo III*<sup>(11)</sup> (*King Richard III*): "Um cavalo! um cavalo! meu reino por um cavalo! ("A horse! a horse! my kingdom for a horse!").

Em "Balada das Três Mulheres do Sabonete Araxá" (*Estrela da Manhã*), esse famoso verso tornou-se: "O meu reino pelas três mulheres do sabonete Araxá".

### 10 - Gonçalves Dias & Guimarães Rosa

"A Guimarães Rosa" (*Mafuá do Malungo*), poema monostrófico:

Não permita Deus que eu morra  
Sem que ainda vote em você;  
Sem que, Rosa amigo, toda  
Quinta-feira que Deus dê,  
Tome chá na Academia  
Ao lado de vosmecê.  
Rosa dos seus e dos outros,  
Rosa da gente e do mundo,  
Rosa de intensa poesia  
De fino olor sem segundo;  
Rosa do Rio e da Rua,  
Rosa do sertão profundo!

---

(11) Shakespeare, William. *The Complete Works*. London, Collins, 1966, p. 746.

Esses versos de "A Guimarães Rosa" são paródia gaiata do último sexteto da "Canção do Exílio", de Gonçalves Dias:

Não permita Deus que eu morra,  
Sem que eu volte para lá;  
Sem que eu desfrute os primores  
Que não encontro por cá;  
Sem que ainda aviste as palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

### 11 - Jorge Medauar & Manuel Bandeira

Em "A Jorge Medauar"(Mafuá do Malungo), composto de seis quadras, Bandeira parodia Jorge Medauar, que já o havia parodiado anteriormente. O "poeta velho e doente" satiriza o "moço":

Há trinta anos (tanto corre  
O tempo) escrevi a poesia  
Onde disse que fazia  
Meus versos como quem morre.

Ainda não eras nascido.  
Agora, orgulhosamente  
Moço, ao poeta velho e doente  
Parodiaste destemido:

"Das batalhas em que estive  
É o suor que em meu verso escorre!  
Tu o fazes como quem morre:  
Eu o faço como quem vive!"

Façam-no como quem morre  
Ou quem vive, que ele viva!  
Vive o que é belo e deriva  
Da alma e para outra alma corre.

Verso que dela se prive,  
Ai dele! quem lhe socorre?  
Nem Marx nem Deus! Ele morre.  
Só o verso com alma vive.

Deste ou daquele pensar,  
Esta me parece a reta,  
A justa linha do poeta,  
Poeta Jorge Medauar!

## 12 - Gilberto Freyre

De "Casa Grande & Senzala" (Mafuá do Malungo), poema isostrófico, humorístico, erótico, moleque, bem "carioca", irreverente, centrado no livro homônimo de Gilberto Freyre, transcreveremos um quarteto:

Se nos brasis abunda  
Jenipapo na bunda,  
Se somos todos uns  
Octoruns, ... (5ª. estrofe)

## 13 - Carlos Drumond de Andrade

Bandeira parodia o livro de Drumond, *Sentimento do Mundo*, de 1940, e o "Poema de Sete Faces" na composição poética que leva o nome do mineiro, um poema monostrófico - "Carlos Drummond de Andrade":

O sentimento do mundo  
É amargo, ó meu poeta irmão!  
Se eu me chamasse Raimundo!...  
Não, não era solução.  
Para dizer a verdade,  
O nome que invejo a fundo  
É Carlos Drummond de Andrade.